

LIÇÃO 2 - A Significação do Som Vocal

16a 3 Ora, aqueles que estão no som vocal são sinais das paixões da alma, e aqueles que são escritos são sinais daqueles no som vocal.

16a 5 E assim como as letras não são as mesmas para todos os homens, tampouco os sons vocais são os mesmos;

16a 6 mas as paixões da alma, das quais os sons vocais são os primeiros sinais, são as mesmas para todos; e as coisas das quais as paixões da alma são semelhanças também são as mesmas.

16a 8 Isso foi discutido, no entanto, em nosso estudo sobre a alma, pois pertence a um outro campo de investigação.

1. Após sua introdução, o Filósofo começa a investigar as coisas que propôs. Visto que as coisas que ele prometeu tratar são sons vocais significativos, complexos ou incomplexos, ele precede isso com um tratamento da significação dos sons vocais; em seguida, aborda os sons vocais significativos propostos na introdução, onde diz: *Um nome, portanto, é um som vocal significativo por convenção, sem tempo, etc.* Quanto à significação dos sons vocais, primeiro determina que tipo de significação o som vocal possui e depois mostra a diferença entre a significação dos sons vocais complexos e incomplexos, onde diz: *Assim como às vezes há pensamento na alma, etc.* Em relação ao primeiro ponto, ele apresenta a ordem da significação dos sons vocais e depois mostra que tipo de significação o som vocal possui, isto é, se é por natureza ou por imposição. Isso ele faz onde diz: *E assim como as letras não são as mesmas para todos os homens, etc.*

2. A propósito da ordem da significação dos sons vocais, ele propõe três coisas, das quais uma quarta é compreendida. Ele propõe a escrita, os sons vocais e as paixões da alma; as coisas são compreendidas a partir desta última, pois a paixão provém da impressão de algo que age e, portanto, as paixões da alma têm sua origem nas coisas.

Ora, se o homem fosse por natureza um animal solitário, as paixões da alma pelas quais ele se conforma às coisas para ter conhecimento delas seriam suficientes para ele; mas, como ele é por natureza um animal político e social, foi necessário que suas concepções fossem comunicadas aos outros. Isso ele faz por meio do som vocal. Portanto, era necessário que houvesse sons vocais significativos para que os homens pudessem viver juntos. Por isso, aqueles que falam línguas diferentes têm dificuldade em viver juntos em unidade social.

Além disso, se o homem tivesse apenas cognição sensitiva, que é do aqui e agora, tais sons vocais significativos, como os outros animais usam para manifestar suas concepções uns aos outros,

seriam suficientes para ele viver com os outros. Mas o homem também tem a vantagem da cognição intelectual, que abstrai do aqui e agora e, como consequência, ocupa-se de coisas distantes no lugar e futuras no tempo, bem como de coisas presentes no tempo e no lugar. Por isso, o uso da escrita foi necessário para que ele pudesse manifestar suas concepções àqueles que estão distantes no lugar e àqueles que virão no tempo futuro.

3. No entanto, visto que a lógica está ordenada à obtenção de conhecimento sobre as coisas, a significação dos sons vocais, que é imediata às concepções do intelecto, é sua principal consideração. A significação dos signos escritos, sendo mais remota, pertence mais à consideração do gramático do que do lógico. Aristóteles, portanto, começa sua explicação da ordem da significação pelos sons vocais, não pelos signos escritos. Primeiro, ele explica a significação dos sons vocais: *Portanto, aqueles que estão no som vocal são signos das paixões na alma*. Ele diz "portanto" como se concluísse de premissas, porque já disse que devemos estabelecer o que é um nome, um verbo e as outras coisas que mencionou; mas estas são sons vocais significativos; portanto, a significação dos sons vocais deve ser explicada.

4. Quando ele diz "Aqueles que estão no som vocal" e não "sons vocais", seu modo de falar implica uma continuidade com o que acabou de dizer, ou seja, devemos definir o nome e o verbo, etc. Ora, estas coisas têm ser de três maneiras: na concepção do intelecto, na emissão da voz e na escrita de letras. Ele poderia, portanto, significar, quando diz "Aqueles que estão no som vocal", etc., que nomes e verbos e as outras coisas que vamos definir, enquanto estão no som vocal, são signos.

Por outro lado, ele pode estar falando dessa maneira porque nem todos os sons vocais são significativos e, dentre os que o são, alguns significam naturalmente e, portanto, são diferentes por natureza do nome, do verbo e das outras coisas a serem definidas. Portanto, para adaptar o que disse às coisas das quais pretende falar, ele diz: "Aqueles que estão no som vocal", i.e., que estão contidos sob o som vocal como partes sob um todo.

Poderia haver ainda outra razão para seu modo de falar. O som vocal é algo natural. O nome e o verbo, por outro lado, significam por instituição humana, isto é, a significação é acrescentada à coisa natural como forma à matéria, assim como a forma de uma cama é acrescentada à madeira. Portanto, para designar nomes e verbos e as outras coisas que vai definir, ele diz: "Aqueles que estão no som vocal", da mesma forma que diria de uma cama: "aquilo que está na madeira".

5. Quando ele fala de paixões na alma, tendemos a pensar nas afecções do apetite sensitivo, como ira, alegria e as outras paixões que costumam ser chamadas comumente de paixões da alma, como é o caso na *Ética a Nicômaco* II [5: 1105b 21]. É verdade que alguns dos sons vocais que o homem produz significam naturalmente paixões deste tipo, como os gemidos dos doentes e os sons de outros animais, como se diz em *Política* I [2: 1253a 10-14]. Mas aqui Aristóteles está falando de sons vocais que são significativos por instituição humana. Portanto, "paixões na alma" devem ser entendidas aqui como concepções do intelecto, e nomes, verbos e o discurso significam imediatamente estas concepções do intelecto, segundo o ensinamento de Aristóteles. Eles não podem significar imediatamente as coisas, como fica claro pelo modo de significar, pois o nome "homem" significa a natureza humana em abstração dos singulares; portanto, é impossível que signifique imediatamente um homem singular. Por esta razão, os platônicos sustentavam que significava a ideia separada de homem. Mas, porque no ensinamento de Aristóteles o homem em

abstrato não subsiste realmente, mas está apenas na mente, foi necessário que Aristóteles dissesse que os sons vocais significam imediatamente as concepções do intelecto e, por meio delas, as coisas.

6. Como Aristóteles não costumava falar das concepções do intelecto como paixões, Andrônico sustentou que este livro não era de Aristóteles. Em *Sobre a Alma* I, no entanto, é evidente que ele chama todas as operações da alma de "paixões" da alma. Por isso, mesmo a concepção do intelecto pode ser chamada de paixão, seja porque não entendemos sem um fantasma, que requer paixão corpórea (razão pela qual o Filósofo chama a potência imaginativa de intelecto passivo) [*Sobre a Alma* III, 5: 430a 25]; seja porque, ao estender o nome "paixão" a toda recepção, o entendimento do intelecto possível também é um tipo de sofrimento, como se diz em *Sobre a Alma* III [4: 429b 29].

Aristóteles usa o nome "paixão" em vez de "entendimento", no entanto, por duas razões: primeiro, porque o homem quer significar uma concepção interior a outro através do som vocal como resultado de alguma paixão da alma, como amor ou ódio; segundo, porque a significação do som vocal é referida à concepção do intelecto na medida em que a concepção surge das coisas por meio de uma espécie de impressão ou paixão.

7. Quando ele diz: *e aqueles que são escritos são signos daqueles que estão no som vocal*, ele trata da significação da escrita. Segundo Alexandre, ele introduz isso para tornar evidente a cláusula anterior por meio de uma similitude; e o significado é: aqueles que estão no som vocal são signos das paixões da alma da mesma forma que as letras são do som vocal; então ele prossegue para manifestar este ponto onde diz: *E assim como as letras não são as mesmas para todos os homens, também os sons vocais não são os mesmos* — introduzindo isso como um sinal do precedente. Pois, quando ele diz, em efeito, assim como há diversos sons vocais entre diversos povos, há também diversas letras, ele está significando que as letras significam sons vocais. E, segundo esta exposição, Aristóteles disse *aqueles que são escritos são signos...* e não, *as letras são signos daqueles que estão no som vocal*, porque são chamadas letras tanto na fala quanto na escrita, embora sejam chamadas mais propriamente letras na escrita; na fala, são chamadas elementos do som vocal.

Aristóteles, no entanto, não diz: *assim como aqueles que são escritos*, mas continua seu relato. Portanto, é melhor dizer, como Porfírio, que Aristóteles acrescenta isso para completar a ordem da significação; pois depois de dizer que nomes e verbos no som vocal são signos daqueles na alma, ele acrescenta — em continuidade com isso — que nomes e verbos que são escritos são signos dos nomes e verbos que estão no som vocal.

8. Então, onde diz: *E assim como as letras não são as mesmas para todos os homens, também os sons vocais não são os mesmos*, ele mostra que as coisas mencionadas diferem como significado e significante, na medida em que são ou segundo a natureza ou não. Ele faz três pontos aqui. Primeiro, ele coloca um sinal para mostrar que nem os sons vocais nem as letras significam naturalmente; coisas que significam naturalmente são as mesmas entre todos os homens; mas a significação das letras e dos sons vocais, que é o ponto em questão aqui, não é a mesma entre todos os homens. Nunca houve dúvida sobre isso em relação às letras, pois seu caráter de significar é por imposição e sua própria formação é através da arte. Sons vocais, no entanto, são

formados naturalmente e, portanto, há uma questão sobre se significam naturalmente. Aristóteles determina isso por comparação com as letras: estas não são as mesmas entre todos os homens, e assim também os sons vocais não são os mesmos. Consequentemente, como as letras, os sons vocais não significam naturalmente, mas por instituição humana. Os sons vocais que significam naturalmente, como os gemidos dos doentes e outros deste tipo, são os mesmos entre todos os homens.

9. Em segundo lugar, quando ele diz: *mas as paixões da alma, das quais os sons vocais são os primeiros signos, são as mesmas para todos*, ele mostra que as paixões da alma existem naturalmente, assim como as coisas existem naturalmente, pois são as mesmas entre todos os homens. Pois, ele diz: *mas as paixões da alma, i.e., assim como as paixões da alma são as mesmas para todos os homens; das quais primeiras, i.e., das quais paixões, sendo primeiras, estas, a saber, os sons vocais, são marcas, i.e., signos* (pois as paixões da alma são comparadas aos sons vocais como primeiro ao segundo, já que os sons vocais são produzidos apenas para expressar paixões interiores da alma), *assim também as coisas... são as mesmas, i.e., são as mesmas entre todos, das quais, i.e., das quais coisas, as paixões da alma são semelhanças*.

Observe que ele diz aqui que letras são sinais, ou seja, sinais de sons vocais, e, da mesma forma, os sons vocais são sinais das paixões da alma, mas que as paixões da alma são semelhanças das coisas. Isso ocorre porque uma coisa não é conhecida pela alma a menos que exista alguma semelhança da coisa, seja no sentido ou no intelecto. Ora, as letras são sinais dos sons vocais e os sons vocais são sinais das paixões de tal modo que não atentamos para nenhuma ideia de semelhança em relação a eles, mas apenas para uma ideia de instituição, como ocorre em relação a muitos outros sinais, por exemplo, a trombeta como sinal de guerra. Mas nas paixões da alma temos que levar em conta a ideia de uma semelhança com as coisas representadas, uma vez que as paixões da alma designam as coisas naturalmente, não por instituição.

10. Há alguns que objetam à posição de Aristóteles de que as paixões da alma, que os sons vocais significam, são as mesmas para todos os homens. Seu argumento contra isso é o seguinte: homens diferentes têm opiniões diferentes sobre as coisas; portanto, as paixões da alma não parecem ser as mesmas entre todos os homens.

Boécio, em resposta a essa objeção, diz que aqui Aristóteles está usando "paixões da alma" para denotar concepções do intelecto, e, como o intelecto nunca é enganado, as concepções do intelecto devem ser as mesmas entre todos os homens; pois se alguém discorda do que é verdadeiro, nesse caso ele não compreende.

No entanto, uma vez que o falso também pode estar no intelecto, não como ele conhece o que uma coisa é, isto é, a essência de uma coisa, mas como ele compõe e divide, como se diz em *De anima* III [6: 430a 26]. A afirmação de Aristóteles deve ser referida às concepções simples do intelecto — que são significadas pelos sons vocais incomplexos — as quais são as mesmas entre todos os homens; pois se alguém compreende verdadeiramente o que é o homem, qualquer coisa que ele apreenda diferente de homem não o compreende como homem. As concepções simples do intelecto, que os sons vocais primeiro significam, são deste tipo. É por isso que Aristóteles diz em *Metafísica* IV [IV, 4: 1006b 4] que "a noção que o nome significa é a definição". E esta é a razão pela qual ele diz expressamente: "das quais primeiro [paixões] estes são sinais", i.e., para que isso

seja referido às primeiras concepções primeiramente significadas pelos sons vocais.

11. O nome equívoco é apresentado como outra objeção a essa posição, pois no caso de um nome equívoco, o mesmo som vocal não significa a mesma paixão entre todos os homens. Porfírio responde a isso apontando que um homem que emite um som vocal pretende que ele signifique uma concepção do intelecto. Se a pessoa a quem ele está falando entende outra coisa por ele, aquele que fala, ao se explicar, fará com que aquele a quem fala refira seu entendimento à mesma coisa.

No entanto, é melhor dizer que não é intenção de Aristóteles manter uma identidade da concepção da alma em relação a um som vocal, de modo que haja uma concepção em relação a um som vocal, pois os sons vocais são diferentes entre diferentes povos; antes, ele pretende manter uma identidade das concepções da alma em relação às coisas, as quais coisas ele também diz que são as mesmas.

12. Em terceiro lugar, quando ele diz: "Isso, no entanto, já foi discutido em nosso estudo sobre a alma, etc.", ele se desculpa de uma consideração mais aprofundada dessas coisas, pois a natureza das paixões da alma e a maneira como elas são semelhanças das coisas não pertencem à lógica, mas sim à filosofia da natureza, e já foi tratada no livro *De anima* [III, 4-8].

Revision #1

Created 19 September 2026 23:23:49 by Admin

Updated 19 September 2026 23:24:25 by Admin